

A ETNOGRAFIA DA FESTA: VIDA E MORTE NA CULTURA AFROBRASILEIRA NO SERTÃO PARAIBANO

ALBA CLEIDE CALADO WANDERLEY*

A África tem sido a capital fonte de inspiração para as culturas negras que se constituem e se reconstituem por toda a diáspora¹, cultivando a ideia de ser africano em outros espaços geográficos, mas continuando uma; possuidora de significados que formam a identidade dos afrodescendentes em vários outros espaços que são mutáveis, construídos a partir das relações humanas e das relações identitárias que produzem significados.

Este artigo propõe apresentar a concepção e a vivência da festa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Pombal, sertão paraibano, considerando dois rituais festivos: o tempo da vida e da morte. Para isso, fizemos uso da pesquisa do tipo etnográfica, da história oral e da observação participante como forma de registrar, vivenciar e interpretar esses rituais afrobrasileiros.

A cultura africana se reconstitui através da diáspora no espaço brasileiro, aqui, nas Irmandades do Rosário do Sertão Paraibano, construindo uma identidade embasada na matriz africana, que responde a uma nova realidade social. Dentre os muitos espaços da diáspora negra, marcados por forte presença da cultura africana, o Brasil se constitui um imenso legado cultural africano. Com isso, pensamos que referenciar a África, para reencontrar as “raízes perdidas”, tem sido sobremaneira importante para os movimentos negros brasileiros e as Irmandades, na tentativa de “demarcar” um espaço brasileiro com sentidos africanos, pois que a relação da história brasileira com a africana não é uma mera reconstrução de uma história da escravidão, mas uma história viva dos afrobrasileiros que levam em consideração a negritude, a cultura e a memória, ressignificadas no espaço brasileiro.

¹ A questão da diáspora é apresentada por Hall (2006) e por Pinho (2004) no contexto da globalização, enfocando como a população negra, exportada forçosamente ao Novo Mundo, “constitui” e “reinventa” outras identidades a partir da matriz africana.

* Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo(UFCG-CDSA),Historiadora, Mestre e Doutora em Educação, pesquisa financiada pela CAPES (2007-2009)

Algumas dessas Irmandades do Rosário ainda resistem ao tempo e passam por processos de construção de suas identidades, enquanto culturas afrobrasileiras. À luz do pensamento de Hall, podemos chamá-las de diáspora do povo do Rosário. Em algumas localidades do Nordeste brasileiro, como a cidade de Pombal, no sertão da Paraíba, por exemplo, a religiosidade popular traz outras atribuições às origens das Irmandades, focalizando a sua história como um pagamento de promessa de um homem negro à Santa do Rosário. A partir das ações da Irmandade do Rosário, outros grupos se integram ao cenário da cultura africana em Pombal-PB: os Congos (grupo de origem africana), os Pontões (africanos e indígenas) e os Reisados (africanos, indígenas e europeus).

A FESTA DA VIDA

As Irmandades do Rosário do sertão paraibano organizam, anualmente, uma festa para a santa devota, a qual se estende por mais de uma semana do mês de outubro. Essa festa não representa, propriamente, momentos de lazer, mas de trabalho, aprendizagem, criação e recriação da cultura de matriz africana, sendo considerada por seus organizadores também como momento de solidariedade dos afrobrasileiros. Se, antes, a festa mostrava o desejo do negro escravizado de ser livre, hoje, esse evento se tornou espaço de construção e de afirmação da identidade afrobrasileira, posto que se caracteriza pelo grande número de festas que acontecem.

O esplendor e o brilho das festas do Rosário de Pombal deve-se à força organizacional da Irmandade, com seu poder de mobilização, posto que abrigam um número significativo de membros em seus quadros, os quais, além de pagarem as anuidades e fazerem ofertas, também desenvolvem na Irmandade obrigações quer no interior dessa organização, quer exteriormente. Os laços afetivos, movidos pelo sentimento de pertença, vão construindo a solidariedade entre os membros. Assim, o esplendor e o brilho significam para os africanos a manutenção viva de suas raízes, reportando-se também ao sentido de sucesso obtido na realização da festa. Esse sentido é asseverado por Raimundo² - protagonista da festa – “a festa é brilho, a festa é nossa

² **Raimundo da Silva**, negro, nasceu em Pombal-PB, aposentado, analfabeto, membro dos congos, da Irmandade do Rosário de Pombal. Foi entrevistado na sua residência em 02 de janeiro de 2007. Entrevista transcrita em 18 de julho de 2007. Falecido em janeiro de 2008.

vida, quando é de sucesso, também nossa vida tem sucesso, mas tudo isso depende da união dos irmãos”.

A Festa é um dos importantes momentos vivenciados pelos homens negros que compõem a Irmandade. Deixando as suas obrigações cotidianas, como trabalho e família, agrupam-se em frente à Igreja do Rosário para dar início à homenagem à sua Santa de devoção. A expressão facial desses homens transborda de alegria em meio à dança, ao canto e à reza dirigidos a ela. Como Sodré (1999: p. 212), entendemos que esse momento vivenciado pela Irmandade do Rosário se constitui “mais do que meras expressões de um desejo de evasão do cotidiano. Barreiras sociais fortemente estabelecidas são relativizadas”. Assim, essa Irmandade vivencia um processo de afirmação cultural marcado pela exibição da pujança de formas e da vitalidade corporal apresentadas nas danças, nos cânticos da festa e no sentimento festivo-devocional que os religam aos seus antepassados.

Esse ritual traz para a cena Sr. Manoel³, com quem convivi por mais tempo, na época do trabalho de campo. Ele incorpora o papel do Rei da Festa, durante os festejos, e não se contenta enquanto tudo não estiver devidamente organizado para fazer uma homenagem digna à Santa. Ele demonstra sua dedicação aos trabalhos da festa e recebe o reconhecimento da população pelo que faz. Sr. João demonstra entusiasmo, quando expressa: “Todo dia da festa a gente solta os fogos, três vezes ao dia, eu me acordo quatro horas e saio sozinho, os guarda já me conhece ‘lá vem o veio... lá vem o veio!...’”. (MANOEL). O respeito que a população tem por Manoel não reside no fato de ele ser uma pessoa idosa, mas por ser reconhecido pela comunidade como Rei da Festa, Juiz da Irmandade e por sua afirmação identitária. A nosso ver, o respeito e a autoridade que a comunidade lhe devota foram criados para substituir o régulo negado aos negros, originando, assim, a formação de uma liderança que tendia a ser mais forte do que a imposição da igreja católica local.

A festa, sublinha Néri⁴ (2001), significa a vitória da religião, o momento de comemorar as lutas erguidas pelos homens negros à paz. E, apesar de “ser dos negros”,

³ **Manoel**, negro, nasceu em Pombal-PB, aposentado e zelador da Igreja do Rosário, analfabeto, Juiz da Irmandade e Rei da Festa do Rosário. Foi entrevistado na sua residência em 20 de dezembro de 2007. Entrevistada transcrita em 30 de dezembro de 2007.

⁴ Antonio, membro da Irmandade do Rosário, aqui citado como autor de livro poético.

a população inteira participa dela, aplaudindo os organizadores e aqueles que a vivenciam.

*Festa de paz, respeito e amor
que a população muito quer,
ignorando o cansaço e o calor
o coração dizendo como é,
numa vitória de nossa religião
com aplausos, abraços e união.
Assim é: Festa do Rosário, Tradição e Fé.*

A festa traz aos fiéis as lembranças de sua devoção, de suas ações e de objetos que foram vistos e ensinados nos anos anteriores, mesmo que os participantes passem pelo cansaço e pelo desconforto do espaço em que a festa acontecia. A cada ano, a realização da Festa do Rosário de Pombal traz para seus organizadores uma negociação com os demais devotos, constituindo-se em práticas que fazem os membros da Irmandade repetirem toda essa tradição ou reinventarem novos valores do tempo presente. Essa tradição da Festa do Rosário se aproxima, segundo Halbwachs (1990) defende, de práticas contínuas dessa construção. Portanto, podemos pensar que, em Pombal, a Festa do Rosário torna-se um memorial nas consciências dos protagonistas, funcionando como motor de uma memória coletiva e de um espaço a ser transformado e transmitido continuamente na dinâmica do presente.

Ao despertar a cidade de Pombal do sono, para as manifestações religiosas e culturais, os homens negros voltaram do trabalho para organizar a abertura “oficial” da festa noturna, fazendo dela um marcador na vida e na identidade dos afrobrasileiros. Para os protagonistas, a superação do cansaço é um tipo de resistência, que deve ser entendida como “prova” de sua devoção à Santa protetora dos afrobrasileiros. Portanto, organizar e realizar a festa são formas de manter as memórias vivas, visto que, presentificando a matriz africana e a ancestralidade esse retorno tem sido um processo importante na construção da identidade afrobrasileira.

A vivência do sagrado representa, para a história dos negros em diáspora, um forte indicativo de resistência e sobrevivência cultural, tecido pelas contas e pelos fios das miçangas africanas. O relacionamento identitário entre negros de etnias diversas foi vivenciado no Brasil, mesmo quando o sistema colonial ensinava que as mesmas contas se prestavam à devoção católica. Os negros desafiaram os cristãos, apontando a possibilidade de vivências. Teceram as suas histórias de lutas, preservando sua cultura

de matriz africana e seus vínculos identitários. Podemos dizer, então, que a Igreja Católica forneceu os elementos da devoção à Senhora do Rosário, enquanto os afrobrasileiros, de posse desses ingredientes, deram forma ao culto e à festa.

Essa vivência reconstitui a história do negro, atrelando-se à herança que lhes é deixada, novos signos e atribui nova significação a essa que ainda é marco de resistência e de luta. No entanto, essa luta traz, agora, novos significados: a luta pela identidade, pela apropriação da cultura de matriz africana. Assim, fica claro que, a partir dessa festividade devocional, o protagonista Raimundo⁵ expressa sua fé e realiza atos, em sincronia com a festa, que passa a construir o sentido da sua vida. Em relação a esse aspecto, ele afirma:

A Festa do Rosário para mim é uma festa com bastante acendimento como você já assistiu com a gente. É pobre, porque nós não temos dinheiro igual aos brancos. Aqui dançamos, cantamos e ficamos alegres do jeito que podemos realizar a festa. Uma festa simples, mas você sabe que muita gente participa, mas não tem confusão, briga, todos festejamos com alegria. A festa para mim faz lembrar que estou vivo.

Com base nesse depoimento, podemos pensar tanto a festa do Rosário quanto a memória coletiva como eventos que ultrapassam as fronteiras específicas do espaço em que são realizadas. A festa não se restringe a um grupo. Sua função é a de ultrapassar os limites espaciais, mas convertendo-se em práticas e trocas de experiências entre os membros.

Ritual de abertura

A procissão de abertura é a primeira caminhada festiva da Irmandade no ciclo da festa do Rosário. Para a Irmandade do Rosário de Pombal, as procissões são uma manifestação pública em que se usa o sacrifício do corpo como prova de devoção. Durante a procissão, o corpo é conduzido ao cansaço por longos trajetos percorridos, transmitindo alegria por meio da dança e da música, que acompanham todo o percurso, lembrando a história de luta e de resistência da população negra.

⁵ **Raimundo da Silva**, negro, nasceu em Pombal-PB, aposentado, analfabeto, membros dos congos, da Irmandade do Rosário de Pombal. Foi entrevistado na sua residência em 02 de janeiro de 2007. Entrevista transcrita em 18 de julho de 2007. Falecido em janeiro de 2008.

Em torno dessa dinamicidade festivo-devocional a Nossa Senhora do Rosário, caminhos são trilhados, movidos pela fé de um povo em um determinado santo ou pelas diferentes formas de atualização dessa fé em gestos e atitudes, o que passou a expressar e a construir o sentido da vida, dos mistérios e da força que move os afrobrasileiros, trabalhadores que, no dia-a-dia, buscam forças para se manterem vivos, regrado de esperanças o futuro, fazendo dele não só um universo de incertezas, mas também de esperança. O ritual da procissão de abertura da Festa do Rosário, apesar de pouca luminosidade, mostra que o percurso da rua estava alegre devido à mistura de cores e de ritmos, de músicas e hinos, e das conversas que surgiam tanto no interior da caminhada quanto no público que esperava o Rosário nas calçadas por onde passava. Dentre as músicas que ali tocavam, destacava-se a referente ao Rosário e a Nossa Senhora do Rosário, as quais ganhavam espaço à medida que as pessoas as entoavam. O Rosário era aplaudido por adultos, jovens, idosos e crianças, que se encantavam com a festividade que a Irmandade exibía no momento de condução do Rosário até a Igreja.

Os membros da Irmandade, os Pontões e os Reisados que conduziam o Rosário ficavam bem próximos do carro de som. Essa guarda representa os guerreiros africanos que vão à frente abrindo e limpando o caminho, abrilhantando a caminhada. Na Rua Vicente de Paula Leite, percurso da procissão, havia alguns prédios e casas de primeiro andar, onde os turistas e pesquisadores disputavam as melhores posições para fotografias e filmagens, com a permissão dos moradores. Poucos fiéis fotografavam e filmavam, pois preferiam não perder tempo e participar ativamente da festa. Assim, a Festa do Rosário, ao ultrapassar seus objetivos iniciais de devoção, atinge também outros interesses, como as questões acadêmicas e o turismo religioso. A permissão da Irmandade do Rosário para fotografar revela o orgulho de ser negro, a afirmação identitária, ao revelar suas imagens e identidade.

Ritual do Rosário

Ao voltarmos à Igreja, observamos que o centro da cidade se organiza em função da festa, recebendo uma iluminação especial. A coluna da hora, a Igreja e o Cruzeiro são decorados com mais brilho para o evento. Cercando todo o Largo do Centenário, veem-se barracas de comidas e de bebidas, jogos de diversão e vendedores

negociando produtos. Em direção à Praça Getúlio Vargas, encontra-se inúmeros parques de diversão, que não param de se movimentar. Crianças, jovens e adultos entram e saem dali. Provocando choros e risos com a emoção de se estar no parque, esses brinquedos tendem a criar um mundo de sonhos para a criançada e para os adultos; os jogos de roleta e de azar criam, nas pessoas, uma ansiedade de ganharem alguma coisa ou dinheiro, fazendo com que os barraqueiros, munidos de discursos, animassem, cada vez mais, os jogadores para deixarem o dinheiro, fruto de seu trabalho diário, e irem para outra direção - para a caixa do barraqueiro. Esses personagens, que sustentam o mundo dos afrobrasileiros, estão sempre dispostos a retornar no próximo ano, para, novamente, fazer viver esse universo religioso que está presente nos festejos populares quando se homenageiam os santos.

Para DaMatta (1985) os rituais são de caráter extraordinários, ou seja, fogem à cotidianidade, mesmo considerando que também o dia-a-dia encontra-se repleto de comportamentos sociais ritualizados. Existe toda uma série de atividades preparatórias dos lugares onde os mesmos serão executados e após a sua realização, também uma reorganização do lugar.

Paralelamente a isso, frente à Igreja do Rosário, formam-se dois cordões de proteção ao Rosário. De um lado, os Pontões, e de outro, os Reisados, seguidos de três guardiões da Irmandade. O Rosário, conduzido pelo Rei e pela Rainha até o palanque, em seguida, é exibido no pescoço da estátua de Nossa Senhora do Rosário. Os membros dos Pontões retiram os chapéus da cabeça como um sinal de respeito ao Rosário. As lanças entrelaçam-se à frente do percurso e, junto com os batuques dos tambores, provocam ritmos que permitem a população se exibir por meio da dança. O ritmo aumenta na mesma intensidade dos aplausos. O tambor, instrumento simbólico de afirmação étnica, indica a ligação do negro com a África, ao invocar, mediante o canto e a dança, os rituais sagrados, evocando a memória dos ancestrais e fazendo soar, através dos toques, os cantos guerreiros dos negros pelo tempo de escravidão, exílio e lutas pela libertação colonial. Essa parte inicial da Festa do Rosário tem como palco principal um palanque, com uma base de ferro e piso de madeira, que comporta os protagonistas do evento: a estátua da Santa do Rosário; o Rei e a Rainha, alguns membros da Irmandade, o Coral Virgem do Rosário e o Padre. Serve, ainda, de apoio para alguns pesquisadores registrarem a Festa do Rosário.

Após a devolução do Rosário à santa, inicia-se o processo de Abertura Oficial da Festa do Rosário. Todos se posicionavam nos lugares escolhidos. O Rei e a Rainha ficavam sentados ao lado do altar onde estava a Santa, e uma parte dos membros da Irmandade se aproximava, aparentando estar solicitando conselhos ao Rei. O padre e os colaboradores da festa iniciam os preparativos para as primeiras palavras da noite.

Na frente do palanque, foi erguido um mastro, comportando a bandeira do Rosário, que foi hasteada lentamente, sob o som dos cânticos, dos aplausos e das fortes entoadas do sino da Igreja do Rosário. Ali houve o hasteamento da bandeira do Rosário, que representa um ponto de referência da manifestação da cultura de matriz africana, conjuntamente com os cantos e os tambores que evocavam a memória dos antepassados africanos, prosseguindo até o primeiro domingo de outubro. Essa foi a primeira noite da festa. Na noite seguinte, iniciam-se as novenas, que se estendem até o sábado, véspera do encerramento da festa.

As novenas

As novenas representam uma cadeia de orações a Nossa Senhora do Rosário. Durante nove dias, os afrobrasileiros rezam e dialogam com a Santa, revelam seus sofrimentos e pedem proteção. Esse ritual também era praticado pelos negros escravizados, que recolhiam as sementes de um capim, coberto com contas grossas, denominadas “lágrimas de Nossa Senhora”, e montavam terços. Os rituais são partes da vida humana, uma necessidade de homens e mulheres, tendo os significados destilados, encarnados em ritmo e gestos (MACLAREN, 1992).

Para Raimundo⁶, a prática da novena, na Festa do Rosário de Pombal, está relacionada à história de Manoel Cachoeira⁷ que, ao se perder, quando criança, a Santa teria lhe ensinado a rezar e a trançar cipós coloridos e lhe deu como missão a continuidade dessa prática.

Durante nove dias, a novena garante aos afrobrasileiros-membros da Irmandade um encontro mais caloroso com a Santa de devoção. Com isso, eles se distanciam da rotina do cotidiano, dando a entender que criaram um cenário de símbolos que fazem

⁶ Em entrevista concedida em janeiro de 2007

⁷ Fundador da Irmandade do Rosário, segundo o depoimento de Manoel.

lembrar a história de seus antepassados. Portanto, uma compreensão da dinâmica do ritual desvela possibilidades para o entendimento de como a realização da Festa do Rosário provoca uma mudança no cotidiano dessa Irmandade.

Procissão para a Casa do Rosário

No sábado de abertura da festa, o Rosário é conduzido até a casa da Rainha da Irmandade, localizada na Rua do Rosário. Depositado em um altar, é vigiado pela Irmandade à noite. No dia seguinte, realiza-se a grande procissão de retorno à capela-mor, onde é celebrada uma missa campal, com a bênção do Rosário e dos fiéis. Esse é, portanto, o ponto culminante da festa. Assim, os afrobrasileiros acabam definindo a Festa do Rosário não pelo ponto de vista meramente religioso, mas pela forma como se movimentam, criando formas e sentidos para as coisas e, por que não, um norte e suporte para as relações sociais.

A Casa do Rosário é pequena, de cor verde, com portas e janelas de madeira bem simples, localizada numa das ruas mais antigas da cidade, denominada Rua do Rosário, no centro da cidade de Pombal-PB.

Procissão de retorno à Igreja do Rosário

No domingo, o último dia de festa, defronte à casa do Rosário, a comunidade tentava se organizar na pequena e estreita rua. O carro de som estava estacionado próximo à Casa do Rosário, anunciando sua saída. Ao mesmo tempo, fazia com que todos se organizassem para a procissão. Era incalculável o número de fogos que explodiam no céu azul da manhã pombalense. A explosão de fogos representa o fogo usado pelos guerreiros africanos contra seus adversários ou suas vítimas e enfoca o ardor, a iniciativa, o espírito de luta, a vontade e a capacidade dos afrobrasileiros em satisfazer aos seus desejos, atingindo o objetivo de suas aspirações, através das homenagens e dos sacrifícios à Santa.

Durante o percurso da procissão do Rosário, nas ruas que conectam a Casa do Rosário à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, seguia à frente da procissão um belo cordão azul e vermelho, formado pelos Congos, Pontões e Reisados. Os Congos

caminhavam balançando os maracás, com uma mão, e, com a outra, flexionada para trás, seguiam silenciosos e simpáticos. O Rei dos Congos se posicionava no centro do grupo, conduzia um guarda-sol que servia tanto para amenizar os raios solares sobre seu corpo quanto para a coreografia do grupo. Esse guarda-sol ainda detém um significado sincrético importante, pois é um elemento que simboliza o poder do rei em guiar o seu grupo durante os ensaios e a festa.

Silenciosas, as pessoas olhavam, a certa distância, o Rosário, que era conduzido pelo Rei e pela Rainha da Irmandade. Ele ficava invisível em meio ao tumulto, mas, ao mesmo tempo, era protegido. Alguns procuravam posições nos lugares mais altos das ruas para melhor visualizar a passagem do Rosário. Eram árvores, residências e casas comerciais, que serviam como ponto de apoio para se assistir ao evento. Aquelas que conseguiam ficar em lugares mais altos observavam uma multidão que se transformava numa porção de formiguinhas, que caminhavam em uma mesma direção, com movimentos lentos e persistentes. Muitas pessoas usavam roupas brancas; outras, descalças, carregavam pedras sobre a cabeça e coroas de espinhos.

Com a realização da Festa do Rosário pela Irmandade de Pombal a inserção de práticas religiosas e a devoção à “Santa do Rosário” tornaram-se mais visíveis, levando um número maior de pessoas a partilhar dessa festa, inclusive as pessoas brancas. Parafraseando os “negros do Rosário”, podemos dizer que suas práticas religiosas se transformaram em uma espécie de “catolicismo dos negros”, diferente do “catolicismo dos brancos”. Portanto, a “força da Santa” é a explicação dos negros do Rosário para o volume de dinheiro adquirido durante a festa e o prestígio de que gozam os irmãos. São as graças alcançadas que levam os fiéis a agradecerem à Santa. Essa retribuição se dá através de donativos. “Sabe, menina, que todo esse dinheiro da festa é devido à força da santa, a santa obra muitos milagres, e as doações são formas de agradecer, também, porque os negros do rosário e o povo quer fazer uma festa bonita” (RAIMUNDO)⁸. A expressão “força da santa” indica não só a intensidade da devoção ao Rosário, mas o fator que a justifica – a capacidade que ela tem de fazer “milagres”, que são agradecidos através de donativos e, outras vezes, de sacrifícios. Existe, aí, uma relação de troca entre os devotos e a Santa: dar, receber e retribuir. Essa função de aproximação,

⁸ **Raimundo da Silva**, negro, nasceu em Pombal-PB, aposentado, analfabeto, membros dos congos, da Irmandade do Rosário de Pombal. Foi entrevistado na sua residência em 02 de janeiro de 2007. Entrevista transcrita em 18 de julho de 2007. Falecido em janeiro de 2008.

proporcionada pela da Festa do Rosário, é uma característica comum das práticas religiosas dos afrobrasileiros, em que as entidades sobrenaturais não se encontram distantes dos homens e das mulheres negras e de seus interesses.

Essa caminhada de homenagem e de retribuição era realizada sob uma temperatura de 37 graus (média), e o sol parecia queimar a alma dos sertanejos, calejados do trabalho da roça e esgotados pela burocracia dos trabalhos da cidade. Crianças e adultos vestiam roupas brancas, marrons e azuis, como sinal do pagamento de promessas feitas aos santos de devoção. Para Antonio⁹, “a procissão é como o caminho de Manoel Cachoeira, a gente se expõe a poeira, a calor, a chuva. Mais a gente procura, além da fé, segui o caminho de Manoel Cachoeira, é como ele tivesse aberto o caminho para gente”¹⁰

Do ângulo do palanque do Rosário, podíamos observar que o reinado tinha posição de destaque na festa. A eles eram atribuídos lugares não apenas simbólicos, mas de respeito e de reconhecimento identitário. Os reis pareciam estar emocionados com a multidão, que não os cultua, vincula-se pela fé à santa e à lembrança dos seus antepassados. No entanto, a presença do reinado é um elo entre os devotos e os antepassados. Para os devotos, a figura dos reis expressa a possibilidade de aproximação com sua ancestralidade e espiritualidade, mas eles não atestam a causa primeira da presença dos devotos na festa.

Ritual do Domingo do Rosário

Aplausos, sorrisos e choros formam um som inexplicável em sintonia com as músicas do Coral do Rosário. São sons que conclamam esperanças e enchem de alegria os corações dos espectadores sob o sol sertanejo. A cada aplauso, a cada expressão das pessoas e explosão de fogos, os Congos, os Pontões e os Reisados erguiam seus maracás e lanças, festejando juntos e agradecendo o momento de união entre a

⁹ **Antonio**, negro, nasceu em Pombal-PB, segurança bancário e poeta, ensino médio completo. Tesoureiro e Escrivão da Irmandade do Rosário de Pombal. Foi entrevistada na residência dos familiares da pesquisadora em 21 de dezembro de 2007. Entrevistada transcrita em 10 de janeiro de 2008.

¹⁰ Manoel Cachoeira foi um negro devoto de Nossa Senhora do Rosário, fundador da Irmandade. Ele é visto pelos membros da Irmandade como um homem religioso, de fé, honesto e trabalhador, e é comparado com um herói, devido as suas conquistas, cujos exemplos deveriam ser seguidos.

comunidade. Assim, a Festa do Rosário constrói memórias coletivas que são transmitidas em narrativas pelos protagonistas em ação na festa. Essas memórias são constituídas pelas expressões culturais e pelas experiências de vida de pessoas que querem dar um sentido à festa: a lembrança. Essas ações fazem com que ela se torne um evento de vidas, construído, continuamente, no presente.

Os Pontões realizam um ritual de proteção ao Rosário, organizados em dois cordões de proteção. Essa proteção representa a demarcação de um espaço afrobrasileiro, através desse ritual os afrobrasileiros retomam a idéia de África, conjuntamente com sua cultura, historicamente negada. Esse ritual era realizado também pelos guerreiros africanos em proteção aos reis da África.

Uma grande parte desse ritual litúrgico é realizado dentro dos moldes católicos, embora, em alguns momentos paralelos, as músicas e as danças dos Congos, Pontões e Reisados sejam introduzidos no ritual africano. Após a missa campal, esses grupos realizam suas apresentações e, mesmo sob o sol forte do sertão, tentam dar conta de todas as apresentações, obedecendo a uma ordem: primeiro, os Congos; segundo, os Reisados e, por último, os Pontões. No final, todos se unem para clamar “Vivas” a Nossa Senhora do Rosário. Essa parte do ritual é vista por um número menor de pessoas, pois muitas crianças e idosos não suportam o final das apresentações devido ao calor sertanejo. Isso nos fez notar que todas essas atitudes expressam a fé particular de cada um; a crença de que é por meio desses atos que podem agradecer as bênçãos recebidas e de que elas se concretizem.

Ritual de despedida

Presenciamos outro ritual, apresentado como forma de despedida. Quando todos voltam ao palco principal da festa, em frente à Igreja do Rosário, vê-se, em seus semblantes, um sentimento de alegria e de saudade, pois sabem que o fenômeno só é realizado uma vez por ano. As atividades da tarde parecem ser realizadas de forma mais pormenorizada. Após a missa campal, o padre anuncia a despedida da santa, e a Irmandade se despede, enfeitando-a com laços de fitas coloridos e bilhetes de pedidos de fiéis, parecendo existir uma correspondência entre a Santa e eles, tendo a Irmandade como intermediária.

A imagem de Nossa Senhora do Rosário é devolvida à Igreja, acompanhada pela Irmandade e seus grupos, como para protegê-la. Em seguida, a Irmandade, juntamente com alguns fiéis, segue com o Rosário para a casa onde o Rosário permanecerá até a noite de abertura da próxima festa. Outro aspecto que achamos importante registrar é que, no período da festa, os folguedos, as danças, os cânticos e o sentimento de liberdade representam e reforçam o caráter dialógico dentro do contexto geral da festa, constituindo-se uma forma de comunicação. Com a presença desses elementos, os membros da Irmandade conseguiram expandir a Festa do Rosário para além do religioso, visto que ela adquiriu também um caráter lúdico. A encenação do ritual religioso de despedida leva a cidade a viver uma noite de diversões, com passeios nos parques instalados nas vias próximas da Igreja do Rosário, visitas às barracas de jogos, artesanato, brinquedos, bebidas e comidas.

Do lado social da festa, o que nos chamou a atenção, também, foi o reencontro das pessoas da cidade que estão ou estavam fora ou que demoravam a se encontrar. A Praça do Centenário, reformada para a comemoração dos cem anos de emancipação política da cidade de Pombal-PB, ligada à Praça Getúlio Vargas pela Coluna da Hora, em 2002, tornou-se palco em que os filhos de Pombal e os visitantes circulam durante a noite para comemorar e relembrar as memórias da infância na sua terra.

A FESTA DA MORTE

Em janeiro de 2008, estávamos em Pombal, ainda em trabalho de campo, quando fomos surpreendidas pelo falecimento de dois membros da Irmandade do Rosário, integrantes dos Congos¹¹. Esse fato nos revelou a concepção de morte para a cultura afrobrasileira. A morte não é um fato aceito, pois a cultura africana concebe a vida e, com a morte, a energia vital é dissipada. Para que isso não aconteça, é necessário energizar aquele que morre, realizar um ritual para preservar a energia vital mesmo após a morte.

Esse ritual – funeral - dividiu-se em três momentos: velório, enterro e luto. Os corpos dos mortos permaneceram nas suas residências, sendo visitados por familiares,

¹¹ Esse fato diz respeito ao falecimento de Raimundo e de Ninon (primos). Ambos faleceram no mesmo dia, com causas-morte diferenciadas.

amigos e pela comunidade. Os corpos foram zelados desde a higienização até a boa aparência do morto. Estavam vestidos com roupas novas e, ao lado do ataúde, estava exposta a roupa tradicional dos Congos. Todos esses cuidados com os mortos demonstram a sua importância para a cultura afrobrasileira. Nesse sentido, assevera Reis (1991, p. 114):

O cuidado com o cadáver era da maior importância, uma das garantias de que a alma não ficaria por aqui penando. Cortavam-se cabelo, barba, unhas. O banho não podia tardar, sob pena de o cadáver enrijecer, dificultando a tarefa. Os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia impedia o morto de encontrar seus ancestrais, tornando-o um espírito errante.

Assim, para a Irmandade do Rosário, o morto é muito importante, não só porque é um elo entre os homens e a sua existência, mas também porque é um símbolo de aprendizagem para os vivos. O morto deixa uma lição, uma herança cultural aos seus descendentes. Portanto, a roupa tradicional dos Congos exposta ao lado do ataúde representa esse bom exemplo de vida.

Como se tratava de dois mortos que residiam em localizadas diferentes, os Congos realizaram dois trajetos para a condução dos corpos até a Igreja de São Pedro, localizada no Bairro dos Pereiros. Esses trajetos seguiram uma estrutura padrão, pois, o cortejo ao morto é uma prerrogativa assegurada pelo Estatuto da Irmandade do Rosário de Pombal, em que aponta o “Art. 43 – O irmão que, pelo estado de verdadeira indigência, não puder ser sufragado pela sua família, será enterrado modesta e decentemente pela Irmandade” (COMPROMISSO DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA CIDADE DE POMBAL, 1913, p. 7)¹². É também obrigação do Juiz e dos irmãos fazer gestão para a preparação e o acompanhamento do enterro. Isso também assinala o poder de organização e de comunicação do grupo.

Art. 29. Ao juiz compete: [...] § 6º. Empregar todos os meios para que os irmãos mortos sejam acompanhados, sepultados e suffragados [...] Art. 40. Os irmãos em geral, são restrictamente obrigados: § 1º. A acompanhar os irmãos mortos a sepultura, quando disto tiverem noticia, e a suffragar as suas almas rezando um terço do Rosário de Nossa Senhora (COMPROMISSO DA IRMANDADE DO ROSÁRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DA CIDADE DE POMBAL, 1888: p. 5-7).¹³

¹² 2 Compromisso da Irmandade.

¹³ 1 Compromisso da Irmandade.

Seguindo o trajeto do enterro, os Congos, organizados em duas filas (azul e vermelha), saíram das residências do velório na frente; em seguida, os parentes e amigos conduziam o corpo do morto. As crianças (netas dos mortos) seguiam com flores, com o chapéu e a roupa tradicional dos Congos. Esses aparatos simbolizam a herança deixada para os netos. Durante o trajeto, ouvíamos dois sons: um eram as badaladas do sino da igreja, anunciando a chegada dos mortos e convidando a população para o ritual de despedida. O outro era emitido pela vibração dos maracás¹⁴, dividido apenas por dois toques. Mesmo assim, o trajeto foi conduzido por um grande silêncio. O silêncio dos afrobrasileiros que assistem à morte visa, simbolicamente, a uma suspensão dos acontecimentos do mundo. O fluxo de existência é provisoriamente parado em testemunho da dor sentida. O ritual é uma obrigação cultural em relação à lembrança, mantendo os corpos e as palavras na mesma postura.

O trajeto é interrompido, algumas vezes, ao passar em frente à casa dos familiares do morto, onde é realizada uma parada para despedida e para que o corpo possa visitar, pela última vez, a residência, pois a visita aos familiares é um costume do morto em vida. Os familiares mantêm um diálogo com o morto, falam com ele, interiormente ou em voz alta, recordam momentos especiais, lamentam os mal-entendidos, as ocasiões perdidas, os momentos em que se esqueceram de que um dia só lhe restaria recordar. Ao adentrar a Igreja de São Pedro, os corpos são aplaudidos, os sinos enfatizam as badaladas, os Congos vibram por várias vezes seus maracás. Em seguida, as pessoas se aproximam dos corpos para as despedidas, sempre ao som dos maracás. O ritual litúrgico segue os passos norteadores da Igreja Católica, no entanto, o clima não é de enterro, mas de festa.

A despedida realizada não enfoca as lamentações, expõe a contribuição dos mortos para a sociedade. A despedida ainda anuncia a convocação dos mortos por Nossa Senhora do Rosário e, por isso, os que assistem ao funeral são consolados. Nesse caso, não se celebra a morte, mas a passagem de um ciclo - nascimento-morte-renascimento - de uma energia que conduz o morto a outra vida. Para Eliade (1992), o homem religioso não sente a morte. A morte não põe um termo definitivo à vida. Assim, esse ritual fúnebre dos dois congos, membros da Irmandade do Rosário de

¹⁴ Instrumentos usados pelos congos nas apresentações, construído de flandre e chumbo.

Pombal, são ritos de passagem, em que ocorre a separação física do mundo, a agregação do morto ao mundo dos seus ancestrais.

A morte é percebida pelos afrobrasileiros, membros da Irmandade do Rosário, como outra modalidade da vida. Com a morte, eles se encontram com os outros membros dos grupos e protegem os que ainda estão no plano físico. Por essa razão, a despedida do morto valoriza os exemplos deixados por ele como uma lição de aprendizagem. Completando o ciclo do funeral, os afrobrasileiros voltam do enterro e passam para a fase do luto, um sentimento humano de pesar pela morte de outro ser humano. Para os afrobrasileiros, o luto é coletivo, um momento em que eles podem pedir proteção aos que estão de passagem para esse outro ciclo da vida. No entanto, é um processo que começa com a morte e é eterno, no sentido de que fica no coração e na mente das pessoas.

CONSIDERAÇÕES

A Festa do Rosário de Pombal-PB propicia o reencontro das pessoas com a cidade e de dinamizarem as suas atividades, são espaços de socialização dos saberes, dentre eles, as reuniões, os encontros nas casas dos membros, nos finais de semana, as conversas na calçada da igreja, no momento da celebração do culto, e as histórias narradas pelos mais velhos das Irmandades. Já para os negros dessas Irmandades, essas Festas resgatam a cultura de matriz africana, são uma forma de manter viva a lembrança da África, colaborando para a construção da identidade afrobrasileira. A amplitude da noção de festa é enfocada pelos protagonistas desta tese também no momento da morte, entendida como outra modalidade da vida, visto que aproxima os vivos da sua ancestralidade.

Compreendemos que o objetivo das Irmandades do Rosário do sertão paraibano é, atualmente, o de esquadrihar elementos do passado para afirmar uma identidade que atenda à realidade onde estão inseridos, promover a tradução de uma tradição cultural dos seus antecedentes e lutar por espaços que possibilitem a multiplicação dessa identidade. Sendo assim, essas identidades passam a elucidar uma ancestralidade com a qual continuam mantendo certa correspondência.

REFERENCIAS

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua:** Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, São Paulo: Brasiliense, 1985.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MACLAREN, Peter. **Rituais na escola:** em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Tradução Juracy Marques e Ângela Biaggio. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1992.

NERI, Edmilson Evaristo. **Festa do Rosário, tradição e fé:** poesia, história e literatura. Pombal: Andyara, 2001.

REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1996.

_____. **A morte é uma festa:** ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.